

Gazeta de Braga

PUBLICA-SE ÀS TERAS E SEXTAS FEIRAS.

Proprietario, Redactor principal e Editor responsavel — o bacharel Augusto Clemente de Souza Geão.

Subscreve-se		Custa	
Por um anno 2400	— COM ESTAMPILHA 2580	NUMERO AVULSO	40
Por seis mezes 1500	— COM ESTAMPILHA 1540	ANNUNCIOS POR LINHA	30
Por tres mezes 700	— COM ESTAMPILHA 800	REFERENCIO	25

Assigna-se e vende-se n'esta typographia, Rua Nova n. 42. — Correspondencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção da *Gazeta de Braga*, Rua Nova n. 42. — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabelião. — As assignaturas serão pagas á recepção do 4. numero.

NUM. 9.

SIXTA FEIRA 23 DE DEZEMBRO DE 1864.

I. ANNO

GAZETA DE BRAGA.

O homem, a quem a voz publica e a imprensa accusa de ter mandado assassinar cobardemente na *encruzilhada de Soutulho* um cidadão prestante e benemerito, ainda se conserva no seu posto de general?!

O governo, que ahí preside aos destinos do nosso paiz, terá em tão pouca conta a opinião publica e a moralidade, que não mande intentar o repectivo processo contra o homem, embora de elevada posição, accusado do mais horrendo e abominavel dos crimes?

O infeliz e desvalido da fortuna, o accusado *d'intermediario* neste tenebroso crime foi condemnado á força, e lá finou seus dias n'uma enxovia das cadeias do Limoeiro, em quanto que o que é apontado como auctor principal, o *mandante* do crime, esse passava impune, mostra o peito coberto de condecorações, que lhe encobrem as salpicadellas de sangue da desditosa victima de *Soutulho*! E este homem assim accusado pela voz publica, e pela imprensa, auxiliada pelas peças do processo, é proposto para o logar de commandante geral de artilheria!!!

Ainda mais!

Pendura-se-lhe ao peito a mais honrosa das medalhas na occasiõ em que a imprensa produzia contra elle a gravissima accusação de *mandante* do assassinato de Agostinho Julio.

O sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila poderá estar innocente. Mas dil-o a voz popular, dil-o a imprensa, referindo-se aos depoimentos de quatro testemunhas, que fõra elle o *mandante* do atrocissimo homicidio da *encruzilhada de Soutulho*! E as mesmas testemunhas, que depozeram no processo contra o *intermediario*, que foi condemnado á força, depozeram igualmente contra o sr. Francisco de Paula, apontando-o como o *mandante* do assassinato.

Condecorar um homem manchado d'este horrendo crime é um acto de inaudita immoralidade, e de que o paiz não pode absolver o sr. ministro da guerra, a quem tínhamos na conta d'um cavalheiro respeitador das leis da moralidade publica.

Agraciar o sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila com a medalha de ouro pelo *seu valor militar*, e com a de prata pelos *seus bons serviços e exemplar comportamento*, sem elle se justificar da infamante

accusação de *mandante* d'um assassinato cobarde, é um facto virgem e «sem exemplo na historia das nações mais corrompidas ou dos governos mais atrozes.— Nem os governos funestos do Baixo-Imperio, nem as cortes dos tyrannos mais poderosos pela força e pelo impudor, apresentam um precedente semelhante de desprezo manifesto pela censura moral da opinião.»

Não nos admira pois que o sr. ministro da guerra conserve ainda no seu posto o *heroe de Soutulho*, se para maior desprezo pela moralidade publica, pelo decoro do nosso paiz, e pelas accusações da imprensa lhe pendurou ao pescõco duas medalhas, distintivos da honra, que só deviam ser conferidas a homens de immaculada reputação e de acrysoladas virtudes.

Já que o general accusado não pediu a sua demissão, para, desassombrado do prestygio da sua auctoridade, vir justificar-se, competia ao sr. ministro da guerra dar-lh'a immediatamente.

E' o que esperamos, porque nestas gravissimas accusações não está só manchada a honra do sr. Francisco de Paula, está tambem affrontado o decoro e a dignidade do nosso paiz.

Esperamos pela justificação do

sr. general Lobo d'Avila, e comnosco a espera todo o paiz, que deseja o triumpho da causa da moralidade.

CORRESPONDENCIAS.

Cabeceiras de Basto 21 de Dezembro.

(Cor. part. da *Gazeta de Braga*.)

Acceito e agradeço o convite que se me fez para ser aqui o correspondente do seu jornal, e sempre que haja assumpto para alguma correspondencia, dar-lhe-hei immediatamente conhecimento do que occorrer.

Em todas as minhas correspondencias evitarei sempre fallar da vida privada dos meus conterraneos, não só porque isto me repugna, mas porque me sobra materia para as minhas correspondencias, analizando, como estou resolvido, todos os actos publicos das differentes auctoridades d'este concelho, que bem analizados dão um excellento guizado.

O facto mais importante e em que mais se falla é a questão, que se ventila entre o carcereiro Bento Polonio, a camara municipal, e

SECÇÃO LITTERARIA.

CLEMENTINA.

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE ORIGINAL INEDITO.)

POR

A. B. de Moraes Leal—Junior.

OFFERECIDO

Ao illm.º sr. Augusto Clemente de Souza Geão — Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra.

II.

As «conversações preambulares» ainda não cahiram de todo em desuso; mas outras ha mais na moda, — as familiares, em que o nosso mimoso Garrett nos legou com a saudade que inspira a sua memoria o primor de estylo que exalta o seu genio.

Pena foi que um titulo de visconde estragasse um nome por tantos titulos respeitavel. Mas. . . mas não sei que! Va-

mos á historia de Clementina. — Havemos de principal-a a contar, pelo meio. . . ou pelo fim. . . É uma extravagancia: hoje tambem as extravagancias estão muito em moda: e tanto que não poucos escandalos e alguns crimes passaram com esse cunho. . .

Tudo é civilização. . . tudo vaes bem, graças a Deus, e á philosophia do seculo! Basta de circumloquios: entremos no supino, e deixemos o futuro a S. Bráz advogado das molestias de garganta!

Clementina, meus caros senhores e senhoras, dil-o-hemos já, foi uma victima das. . . «extravagancias» do sr. Antonio Matoso; e este senhor que hoje tem alguma coisa mais do que «senhoria», foi nos seus primeiros tempos um salsa-parrilha, boticario de grandes creditos. . . na cidade do Sacramento. Nenhum outro pharmacopola preparava como elle para as mezinheiras suas freguezas e para um barbeiro muito entendido de Adaufe as «pégas» e emplastos confortativos para os soffrimentos de «espinhella cabida», e que taes! Em cosimentos e «claropes» que elle receitava por sua conta e risco. . . ás flatulentas e beatas de reconhecida virtude e achaques. . . fez o sr. Antonio Matoso, pessoa «muito» de bem e excellent boticario, bons interesses. Isso fez elle! Mas na applicação do laudano corria fama que tinha elle seus pro-
veitos. . .

Pedro Soares, amigo particularissimo do nosso pharmacopola, e negociante de lanificios recommendava aos seus consumidores de piugas e camizolas e barretes a retalho, a botica do seu compadre.

Sim senhores, Antonio Matoso era compadre de Pedro Soares: — mais uma razão de intimidade.

E como nós hiamos dizendo, na applicação do laudano fez o sr. Antonio Matoso a sua. . . a sua independencia, e a ruina e a desgraça de uma familia,

Mis o diabo, ás vezes não tem somno, e para divertir-se faz das suas por intervenção dos compadres. — Pedro Soares tanto queria elogiar e encarecer as boas curas e «arte sábia» de seu compadre, que o engravou na devassa «Janeirinha».

Ora não lhes digo nada! . . . imaginem os leitores o que seria do nosso boticario-curandeiro, assim habilitado para fazer viagem larga no porão da nau dos Quintos! . . .

Fatalidade! Pois que!? . . . O senhor Antonio Matoso vaes barra em fóra, e ninguém lhe vale! Isto assim do pé para a mão quando elle estava amanhando com a sua espátula de ferro, meio ferruginosa um emplasto de pez grego, receita sua de bons resultados para «tosses malignas e alterias torcidas», molestias que elle mais conhecia e curava «secundum artem.

E então não era uma capacidade preciosa e salutar esta creatura bemfazeja. . . ?

— Era, sim senhores; mas a devassa Janeirinha e os elogios de seu compadre atiraram com elle para casa de seiscentos diabos, como dizia o povinho.

Adeustriste boticario, que vaes pentear macacos! — dizia uma visinha do nosso homem, quando o vio filado por dois meirinhos do corregedor Tinoco d'Albergaria, que por tal nome o havemos nós em boa reputação e lembrança. Deus lhe perdõe! E não se esqueçam d'elle, leitores amigos, que mais tarde lhe cahiremos de ponta aguda quando vier a bom fio de conversa.

. . . . Vaes depois, filado pelos esbirros da justiça o bojudo pharmacopola, entretimentos que seu compadre despachava encomendas de piugas e «varretes e camizolas» para Chaves e Terras de Bouro, hia elle, o sr. Antonio Matoso altercando com os meirinhos allegando. . . que tal e sim senhores, fino palavreado, mas inutil para taes funcionarios de varinha argolada. . . e genio feroz!

«Nós El-Rei. . . Justiça direita. . .» Aquillo sim que era tempo! Ainda hoje ha muito quem assim diga, e em certos pontos razão tem, que o affirmam innumeras victimas de atrozes iniquidades!

Mas, apesar de tudo, é mui verdade que

o administrador do concelho Custodio Leite.

Esta questão tem tomado proporções taes, que muito se receia já um conflicto entre a camara e o conselho de districto, recusando-se aquella a dar cumprimento a um accordo do dito conselho, em que lhes ordenava que declarasse quaes os motivos, que teve para demittir o carcereiro.

Como na demissão dada ao carcereiro só se attendeu a empenhos, e á vingança do administrador do concelho, a camara municipal ve-se hoje collocada em uma posição falsa para poder responder ao accordo do conselho de districto.

Estou colligindo documentos, e na minha seguinte correspondencia tratarei então largamente d'esta questão, e nisto parece-me que faço não pequeno favor aos meus patricios, porque só assim o snr. governador civil poderá ter conhecimento dos abusos e arbitrariedades que algumas auctoridades têm praticado, e continuam a praticar.

O snr. Mendes Leal dirigiu ao snr. presidente do conselho de ministros a carta, que abaixo se segue, expondo-lhe os motivos por que sahia do ministerio:

III.^o e ex.^o snr. duque de Loulé, presidente do conselho de ministros. — Sabe v. ex.^a como entrei constantemente para o ministerio; sabe não menos quantas vezes instei pela minha exoneração. Perante graves considerações, que também v. ex.^a não desconhece, repetidamente tive de ceder d'aquellas instancias. Hoje essa exoneração é para mim necessidade absoluta e resolução irrevogavel.

O snr. Antonio Matoso foi preso e que foi seu compadre Pedro Soares quem o denunciou á justiça. — O que a justiça fez do prezo, não é segredo; e que o fôra não o guardariamos nós; temo-lo reservado para conversa especial e chegar-lhe-ha a sua vez.

Dias depois da prisão do heroe-tizanas, vulgo o Salsa-Parrilha ou que tal alcoba, Clementina achava-se em perigo de vida.

Era isto, pouco mais ou menos em 1800. e tantos, vinte para vinte cinco annos antes da epocha em que filiamos, o nosso primeiro capitulo de tempestuosa noite.

Temos divagado bastante; não lhes dê isso cuidado, leitores; onde conviver prenderemos conversa direita.

O mundo tem muitas veredas; e dá muitissimas voltas quem lhe não sabe os atalhos; mas tudo é preciso: não se vae a Roma em um dia. Tempo ao tempo, e digamos alguma coisa de permoço como quem se perdeu na rotina que levava. A cabeça onde temos os pés não está bem!

Os romancistas fazem d'estas gracinhas! E' da regra ter o leitor sempre impaciente por um desfecho, e fazer-lhe dar saltinhos quantos bastem para lhe distrahir o espirito; é como lhes dizemos, tal qual á escosseza com Sir Walter Scott, que bom seria se nós poderemos imital-o, tão excellente mestre, n'estas coisas de enredos grandes!

Ora pois; aqui deixamos Clementina em perigo de vida e entregue ao cuidado dos

Cumpra que esta communicação seja acompanhada da devida explicação.

Tres razões imperiosamente me determinam.

Qualquer administração, que deseje ser sinceramente reformadora, gasta-se depressa. Rompem-se tradições, molestam-se individuos, suscitam-se odios, sublevam-se paixões; e tudo isto se congrega para promover frequentes e variados obstaculos. Chega enfim um termo em que a luta é esteril e o sacrificio inutil. Supponho ter na administração a meu cargo intentado algumas reformas. Parece-me haver eu chido a medida do que me era dado fazer. Fica de certo labor para muitos, e para muito tempo; e por isso mesmo justo é que n'esse labor prosigam outros mais habéis e competentes. Chegou-me pois aquelle periodo inevitavel e previsto. Conhecendo-o, permanecer no gabinete seria crear-lhe um perigo proximo, e complicar de difficuldades a situação.

Tem-me também demonstra o a experiencia que não bastam instrucções, regulamentos, decretos, leis, instituições para utilizar e consummar quaesquer reformas. Tornam-se estas em pouco inefficazes não se reformando os costumes. Para conseguir essa essencial transformação, ardua sempre, necessariamente demorada, quando não tempestuosa, estou convencido de que são indispensaveis providencias excepcionaes na parte d'esta administração que respeita ao ultramar, onde vícios de seculos e os inconvenientes da distancia, sem contar outros, paralyzam a cada passo os mais uteis tentames. Tenho para mim que, cedo ou tarde, essas providencias hão de ser adoptadas e applaudidas para se não perderem aquellas provincias, o que seria irreparavel calamidade nacional. Prevejo que se tornará de dia

leitores benevolos e das amaveis leitoras, que por ventura nos leem.

A menos de tres capitulos saberemos o que fica escuro n'estes dois.

A lampada que bruxolea atavez de espesso nevoeiro, contemplada de longe, tem mais poesia.

E quando essa lampada broxeleante derrama sua luz amortecida sobre a nevada roupagem de uma martyr que agoniza... é melhor aproximarmos-nos do quadro, depois que a mão divina lhe houver tocado para lhe imprimir nas feições um raio de luz que só elle sabe accender no regelado marmore em que a morte converte a humanidade, apenas a bafejo!

III.

E' certo e bem confirmado por não poucos exemplos, por muitissimos e variados factos, que um homem seja da plana que fôr, depois que na sociedade conseguiu de tal ou qual modo fazer-se conhecido... ou para isso concorressem grandes actos ou pequenas miserias, tem sempre — um nome, sempre uma reputação que lhe predispõe o futuro.

Nem mais, nem menos. Uma outra historia, a proposito da que encetamos vae occupar-nos agora. — Interessa-nos muito, por que prende com os mais importantes lances e episodios da nossa heroína principal.

Eil-a:

para dia mais evidente semelhante necessidade. Creio que sem temporaria alteração no nosso regimen colonial, ao menos em algumas possessões, pouco se poderá já adiantar para o muito que é possível e necessario. Mas creio igualmente que n'esta conjunctura não seria opportuno ensaiar o. Em tal alternativa prefiro á forçada inação a voluntaria desistencia.

Existe finalmente, no proprio gremio do grande partido que a situação representa, um grupo a quem o meu systema de gerencia parece não ser agradavel. As irritações d'esse grupo são notorias, não se occultam, e commecam a degenerar em hostilidades que já apenas se dissimulam, onde se dissimulam. Não me permitindo a consciencia que me aparte d'aquelle systema, nem me consentindo o sentimento de um dever igualmente superior que dê motivo á minima scição, fica-me por unica decorosa resolução o resignar.

Aqui estão, senhor duque, tão singela e summariamente expostas quanto posso, as principaes razões da minha resolução.

Uma só objecção plausivel se lhes poderia fazer, penso: a proxima abertura do parlamento. Tal objecção desaparece porém ante estas obvias considerações. Ao suffragio popular devo um lugar na camara electiva. A responsabilidade dos meus actos de governo, singulares ou collectivos, ahi não podem todos exigir; e dever também é esse que em nenhum caso e por nenhum modo declino.

Tendo portanto ponderado tudo, e estando inabalavelmente decidido ao que reputo improrogavel obrigação minha e geral conveniencia, tenho a honra de prevenir a v. ex.^a de que n'este acto passo a pedir a minha exoneração a sua magestade, e desde

No mesmo dia em que o snr. Antonio Matoso foi preso, — hia elle transpondo já o limiar do portão das cadeias do Castello, e ainda altercando com os dois esbirros do corregedor Tinoco d'Albergaria, — e vinha, rua do Soato acima, de passo lento um ancião de venerando aspecto e que, apesar dos tristes andrajos que mal lhe cobriam as carnes, revelava immediatamente em suas feições um certo ar de gravidade e altania pouco vulgares, sem a minima sombra de affectação.

D'onde vinha e quem era este homem, ninguém sabia.

É um mendigo: — diziam alguns.

É um espião: — diziam outros.

Neste tempo troava entre nós o canhão bellico, e Braga, como sempre, foi theatro de algumas scenas em que o povo não se empenhou como primeiro actor, segundo elle pensava... e como pensa todas as vezes que o chamam á revolta os que se dizem patriotas!

Devida era, pois, ao estado bellico — a suspeita que alguém tinha de que fosse espião o nosso personagem. — Seja personagem.

Todos attentavam n'elle e também elle attentava em todos e em tudo, olhando para tudo e para todos com amarga serenidade, estado em que o denunciavam as contracções violentas, que se lhe percebiam.

Vio que Antonio Matoso hia debaixo de prisão: de repente assumou-lhe aos la-

já me considero como não fazendo parte activa do gabinete.

Solicitando de v. ex.^a o obsequio de transmittir esta participação aos cavalheiros de quem tenho sido collega, peço também que se digne conjunctamente receber como satisfação de affectuosa divida, e communicar-lhes como desempenho de grato dever, a expressão do meu profundo reconhecimento pelas provas de constante benevolencia com que me honraram, e pelo espirito de perfeita cordialidade e inteira lealdade que presidiu a todas as nossas deliberações e mutuas relações.

Escuso acrescentar que os meus principios e sentimentos ficam e são os mesmos. Saindo com alvoroço da posição que accidental occupei, e tornando-me ao saudoso exercicio das modestas letras que me são officio, vocação, e lenitivo, retomo nas fileiras o lugar do soldado, humilde mas fiel.

Tenho a honra de assignar-me, como sempre, com a mais sincera estima e a mais elevada consideração.

De v. ex.^a

Muito dedicado amigo e muito reverente venerador

José da Silva Mendes Leal.

Casa de v. ex.^a, em 5 de dezembro de 1864.

CORREIO EXTRANGEIRO.

TURIM 15.

Garibaldi chamou a Caprera todos os chefes da ultima insurreição de Frioul.

Folazzi e Andreczzi embarcaram hontem em Genova com direcção á residencia do general italiano.

bios um sorriso cruel e volvendo fortivamente sobre os circunstantes um olhar sombrio, mas coruscante — murmurou:

«Cheguei tarde...»

E depois, meneando a cabeça, fitou Pedro Soares que lhe não era indifferente, e acrescentou — dirigindo-se para a porta da cadeia sem desviar os olhos de Pedro Soares:

«Ninguém já me conhece! Nem aquele ingrato!... Melhor!»

Pedro Soares que havia, como vulgarmente dizem, feito a cama ao seu estimado compadre, viera ali offerecer-lhe os seus «bons serviços», dar-lhe um apertado abraço... e talvez gloriar-se da sua obra!

Se conhecesse o nosso personagem é provavel que... talvez lhe desse também um abraço!

Não senhores: — dava-lhe um tiro, por que Pedro Soares era capaz de tudo e entre elle e o ancião medeava um abysmo!

Entre o ancião e Antonio Matoso — outro abysmo! — Em tudo isto um mysterio... ou muitos que nós revelaremos.

O ancião, ditas aquellas poucas palavras que lhe ouvimos — amarguradas e sinistras, entrou para a cadeia, trocando com a sentinella algumas outras palavras que ninguém percebeu.

(Continúa).

GAZETILHA.

Julga-se que qualquer projecto de insurreição ficará adiado para a primavera.

LONDRES 15.

O banco reduziu o desconto de 7 para 6.

BRUXELLAS 15.

O periodico «La Finance» e alguns outros não se publicaram hoje, por se terem reunido os chefes e compositores das typographias não querendo trabalhar.

LIVERPOOL 15.

Affirma-se que o governo de Jefferson Davis se dirigirá aos seus agentes na Europa, para provar que a submersão do vapor «Florida» foi realisada com irreiro conhecimento das autoridades federaes, e com o fim de tornar impossivel a sua restituição.

PARIZ 16.

Tendo alguns periodicos dado conta das sessões do conselho d'estado, o «Moniteur», no seu numero de hoje, chama-os á ordem recommendando-lhes o artigo da lei de imprensa, que prohibe terminantemente a publicação de qualquer extracto do que se passa no dito conselho.

As noticias de New-York alcançam a 3 do corrente.

Os periodicos de Richmond dizem que o general Grant está fazendo todos os preparativos para apresentar a batalha ao general Lee, o qual tambem se está preparando para sustentar a lucta.

TURIM 15.

A «Gazeta official» publica o real decreto assignado pelo rei e todos os ministros promulgando a lei que traslada para Florença a capital de Italia, e sancionando o convenio franco italiano de 15 de setembro.

O «Moniteur» publica um decreto promulgando os tratados do commercio entre a França e a Suissa.

Publica tambem um outro decreto estabelecendo que, desde o 1.º de janeiro de 1865, os direitos de transmissão estabelecidos pela lei de 1857, sobre sociedades de credito e emprezas estrangeiras, serão percebidos sobre metade do capital, representado pelas acções.

PARIZ 15.

Copenhague 14.

O governo ameaça dissolver a camara popular, se se apresentar hostil aos projectos ministeriaes.

PARIZ 15.

A situação da Grecia é cada vez peor. Em Nauplia foi descoberta uma conspiração republicana.

PARIZ 15.

New-York 3.

Os periodicos de Richmond annunciam que o general Lee está bem preparado para receber o ataque que Grant lhe quer apresentar.

O periodico «Richmond Whig» affirma que Grant mandou tropas para Port-royal para cooperar com Sherman.

Julga-se que o general Hood avança sobre Murfrees-Bore perseguindo o general federal Steedman.

A revolução da republica de Venezuela acabou.

Theatro de S. Geraldo. — Na terça feira deu a Companhia Nacional do theatro de D. Luiz I. de Coimbra o seu segundo espectáculo, que constou do drama em 4 actos, «A Mãe dos Escravos», e da comedia em 1 acto «Em guerra particular antes da paz geral.»

Os actores continuaram a ser muito applaudidos, e n'um dos entre-actos a sr. Gabriela cantou o «Beijo» pelo que foi entusiasticamente applaudida. Teve uma chamada especial para repetir o «Beijo.»

— Na quarta feira deu a Companhia o ultimo espectáculo, repetindo o drama «A Mãe dos Escravos» com a farça «O andador das almas.»

Novos e phreneticos applausos foram dispensados pela plateia aos distinctos artistas.

Esta manhã partiu a Companhia para o Porto.

Transferencia. — O bacharel Gaspar Joaquim da Cruz foi transferido do logar de procurador regio na comarca da Louzã para identico logar na comarca de Villa Verde.

Carreira de Africa. — Partirá no dia 10 de janeiro para os portos de Africa o vapor «Cossach», da companhia geral portugueza de navegação a vapor.

Conversao. — No dia 15 do corrente recebeu em Lisboa o sacramento do baptismo a excellentissima sr. D. Sophia Frederica Claudina Antonietta Ramés, que era protestante.

E' este mais um novo triumpho do catholicismo.

Estado sanitario de Coimbra. — Por noticias d'aquella cidade sabemos, que o seu estado sanitario é ainda bastante desfavoravel.

Continuam a grassar alli as febres typhoides, e outras molestias, devidas á extrema irregularidade da estação, que vamos atravessando.

Além d'outras victimas, falleceram ultimamente dous estudantes. Um frequentava preparatorios, outro o primeiro anno juridico.

Portae inferi non pervalebunt. — Mais um facto occorrido na capital do orbe catholico acaba de comprovar-nos a verdade e segurança das promessas feitas por J. Christo ao Principe dos seus Apostolos e fundador da sua igreja; um motivo mais que forte de verdadeiro jubilo, por tanto, para que todos os catholicos avivem a sua fé e firmem mais suas esperanças na eterna depessão do poder de Satanaz, que já mais poderá colher o mais inmarcescivel louro na sua lucta com a Igreja Catholica.

Alludimos ao descobrimento e frustração dos tenebrosos planos da revolução que nos ultimos tempos tinha maquinado uma conspiração contra a vida do Soberano Chefe da nossa Religião Augusta, seu impavido e inabalavel secretario, e ministro o cardeal Antonelli, não escapando até a este desesperar da impiedade o joven rei de Napoles Francisco II, arrastado já por ella aos amargores do exilio.

Felizmente o horrivel projecto foi mallogrado, os seus executores submetidos aos grilhões da justiça e inu-

me avois documentos d'este attentado entregues á auctoridade competente.

Eis o que é a revolução d'Italia!... Mas desenganem-se, e desengane-se por uma vez, Deus não falta á sua palavra.

Alegremos-nos, felicitemo-nos, e louvemos ao Senhor.

Pobre velho. — No «Jornal do Commercio» de Lisboa de 18 do corrente le-se o seguinte: Antonio Pinto, o Burro Velho, J'Ervin, que está no Limoeiro, condemnado a 15 annos de degredo, como intermediario no homicidio do bacharel Agostinho Julio Guelho de Abren, na encruzilhada de Soutulho, foi sacramentado no dia 15 do corrente, ás 6 horas da tarde, por se achar em perigo de vida.

Fatal coincidência! Quando depois de 14 annos decorridos desde o crime, a memoria do horroroso feito revive, aquelle que podia dar o mais claro testimonho da verdade, está prestes a desaparecer da terra!

Antes de exhalar o ultimo suspiro, já com os olhos na eternidade, já arrependido, declarará elle, para bem da sua alma, e para desaffronta da verdade, calcada aos pés iniquamente pela justiça humana, quem foi o homem que o arrojou ao crime?

Antonio Pinto foi o miseravel instrumento do homem da pipa d'oiro, que havia de salva-lo; e contudo morre entre ferros, maldito, vilipendiado, enquanto aquelle que lhe abriu a estrada do crime, campeia glorioso, festejado, applaudido, com o peito coberto de honrosas medalhas, e commandando briosos militares.

O pobre velho, para quem ainda hontem imploravamos a regia clemencia, a favor de quem estendiamos mãos supplicantes á realza, porque apesar do seu crime cinge tambem uma coroa augusta, a dos cabellos brancos, a dos seus 87 annos, na phrase d'um grande poeta, esse desgraçado homem, já não terá tempo para ir ajoelhar junto da cruz de Soutulho, a fim, de ahí mesmo, n'esse logar onde foi derramado o sangue do innocente, ás mãos da mais cobarde traição, implorar o perdão da victima.

Deus talvez o chame em breve a dar contas da acção má que praticou, e que na terra expiou cruelmente, porque passou os ultimos annos da sua vida, passou a velhice, privado do ar livre, do sol que illumina e aquece, regelado de friq e de remorsos, e ainda mais com a lembrança de que o homem da pipa d'oiro tentára a sua intelligencia rude com a promessa do oiros, e depois o desamparára, quando vira cumprido o seu negro desejo, e realiado o tenebroso trama da sua vingança.

A estas horas já Antonio Pinto está bem com Deus, já terá recebido o perdão da Suprema Misericordia. A clemencia real já não poderá aproveitar-lhe, porque do triste leito do hospital, sairá em breve para a terra, a dormir o ultimo somno.

Mas, alli se fina, prezo e infamado, o agente d'um crime horrendo; e onde está o author do crime? Onde está? Respondam os que tem na sua mão o governo d'este paiz? O que fizeram d'elle? Pretendiam acaso eleva-lo á presidencia da camara dos representantes

da nação? Tentariam porventura dar-lhe assento nos conselhos da corôa?

Pois se elle era um heroe, porque não lhe haviam de comferir essas honras? Não lhe puzeram ao peito as medalhas do valor e do comportamento exemplar? Não subordinaram as suas ordens bravos soldados portuguezes?

A verdade cruel, pungente e fatal, é que o velho Antonio Pinto, já se preparou para a ultima viagem, já está sacramentado; mas viveu o tempo necessario para vêr como a justiça popular já começa a rumorejar, contra a suprema immoralidade que a justiça legal praticou.

Se o crime prescreve ante a lei, não prescreve em face da moral. A justiça de Deus nem sempre se revela na terra; mas quer o Soberano Juiz, que os criminosos, sem embargo do seu valimento e do seu poderio, ás vezes recebam o merecido castigo, ainda antes de comparecerem no tribunal divino.

E esta voz surda, que se assimilha ao rugido longinquo do foracão, esta voz que principia como um rumor vago, e cresce até rebentar pavorosa, já resoa em torno da cruz de Soutulho, pedindo a desaffronta da moral publica ultrajada, e o perdão para o octogenario, que vai morrer; — e a voz ha de ouvir-se altisonante e clamorosa, até que justiça seja feita, — porque esta voz é a voz do povo, — e a justiça de Deus que se manifesta nas expansões populares.

E se não for attendida, o que se dirá d'esta nação, o que se dirá do governo de Portugal em 1864?

Ouçã essa voz quem pôde e deve ouvir-a.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

NOVO CATECISMO

DE DOUTRINA CRISTA

POR MOREIRA DE SÁ.

Acaba de ser publicado este catecismo, para uso das aulas primarias, contendo muitas explicações sobre varios pontos de doutrina Christã, e seguido do modo de ajudar á missa, e da Ladainha de Nossa Senhora.

Vende-se em todas as lojas do costume, em Lisboa, Porto, Elvas e Faro. Preço 40 réis.

Os snrs. professores directores de collegios que queiram para mais de vinte exemplares faz-se um abatimento razoavel. Para o que se deve dirigir ao author, Rua da Saudade, n.º 3, Lisboa. As obras podem ser enviadas pelo correio, sem augmento de despeza.

